

A TELEVISÃO: UM BEM OU UM MAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL?

Kelen Galvão de Oliveira¹, Maria Auxiliadora Araújo Silva², Maria de Fátima Martins da Silva³, Maria de Lourdes Costa Faria⁴, Anézio Cláudio Bernardes⁵

Universidade do Vale do Paraíba - Univap/Faculdade de Educação e Artes - Fea, Rua Tertuliano Delphin Júnior, 181, Campus Aquarius, e-mail: kelen_fe@yahoo.com.br, fatimsil@ig.com.br, costaria@bol.com.br, acb@univap.br

Resumo - Esta pesquisa tem como objetivos verificar se os professores estão devidamente preparados para exercer a docência, em sala de aula, com seus alunos, em relação a abordagens a programações televisivas; verificar se os docentes conhecem o caminho viável para possibilitar a seus alunos reflexões sobre normas, valores, ética, costumes; e verificar se os docentes constroem espaços, no contexto escolar, para que os discentes possam ponderar sobre as mensagens consumistas (explícitas ou tácitas) veiculadas pela televisão. Realizou-se uma pesquisa de campo, por meio de observações no contexto escolar e de entrevistas, com sete docentes e cinquenta alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Construiu-se o referencial teórico a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, e dos pressupostos de Carvalho, e Barry, dentre outros. Os dados apontam que alguns professores não estão devidamente preparados para abordar, com seus alunos, programações televisivas, pois desconhecem o caminho para orientar os discentes, a fim de lhes propor reflexões sobre valores sociais, e, dessa forma, não lhes viabilizam espaços para que ponderem sobre as propostas transmitidas pela televisão.

Palavras-chave: Programação televisiva, alfabetização, docentes, discentes, formação.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (Educação).

Introdução

Este tema requer, ainda, pesquisas relacionadas aos reflexos dos programas televisivos e vídeos assistidos no ambiente familiar e aos que são apresentados aos alunos pelos professores no contexto escolar.

Construiu-se o referencial teórico a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), e dos pressupostos de Carvalho e Barry (1994), dentre outros autores. Houve um trabalho de campo, por meio de observações realizadas no contexto escolar, e de entrevistas, por intermédio de um questionário proposto a professores e alunos.

Esta pesquisa tem como objetivos verificar se os professores estão devidamente preparados para exercer a docência, em sala de aula, com seus alunos, em relação a abordagens a programações televisivas; verificar se os docentes conhecem o caminho viável para possibilitar a seus alunos reflexões sobre normas, valores, ética, costumes; e verificar se os docentes constroem espaços, no contexto escolar, para que os discentes possam ponderar sobre as mensagens consumistas (explícitas ou tácitas) veiculadas pela televisão.

Metodologia

Foram pesquisadas quatro unidades escolares, de São José dos Campos, sendo que a primeira se localiza no Centro da cidade; a segunda, no bairro São Judas Tadeu; a terceira, no Jardim das Indústrias; e a quarta está situada no Jardim Veneza. A do centro da cidade atende alunos da classe média; as demais, discentes de classes populares desse município.

A pesquisa foi realizada com cinquenta alunos, com faixa etária entre quatro e sete anos, e com sete professores, sendo quatro do ensino infantil, e três do ensino fundamental: quatro da rede pública de ensino e três de rede particular.

Foi proposto aos sete docentes um questionário composto por quatro perguntas, sendo duas abertas e duas fechadas. Já, aos alunos foram propostos seis questionamentos: cinco abertos e um fechado, cujos dados foram coletados, individualmente, por intermédio da oralidade.

Resultados

Aos primeiros questionamentos - "Quantas horas, por dia, normalmente, você assiste a programas de televisão? Você os assiste com os seus pais?"-, é importante destacar que, dos cinquenta alunos entrevistados, entre vinte e vinte

e cinco deles assistem a programas televisivos, durante mais de cinco horas, diariamente, (GRÁFICO I).

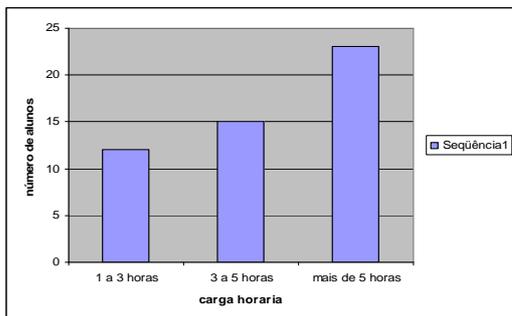


GRÁFICO I – Horas diárias que os alunos assistem a programas de televisão.

Já, em relação à segunda pergunta da primeira questão - “Você os assiste com os seus pais?” -, cinquenta por cento dos alunos; portanto, vinte e cinco discentes relataram que não os assiste com seus progenitores; ou seja, durante o dia, enquanto os pais estão trabalhando (GRÁFICO II), vêem TV sozinhos.

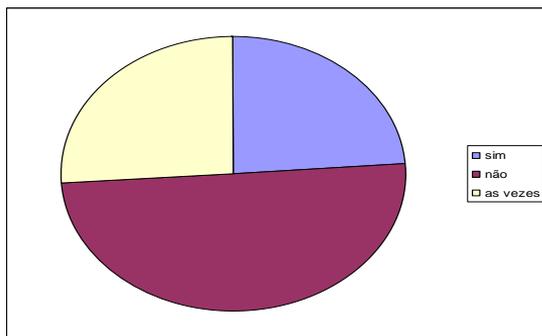


GRÁFICO II – Monitoramento familiar, em relação à Programação televisiva.

O Gráfico III, abaixo, representativo dos dados discentes coletados, por intermédio da segunda pergunta, “A qual Canal de Tv você assiste?” -, aponta que se trata da Rede Globo (entre 18 e vinte citações). No entanto, é importante frisar que houve quatorze citações que se referiram à TV Cultura. (Obs: Considerou-se mais de um voto por criança).

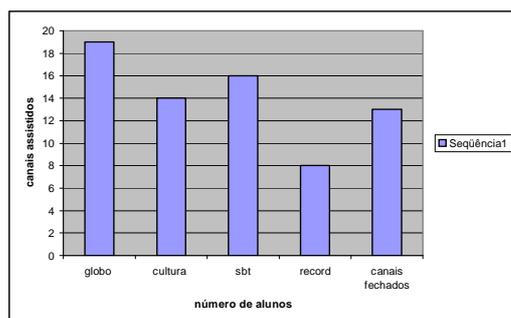


GRÁFICO III – Canais mais assistidos pelos alunos

Ao terceiro questionamento – “Qual é o seu programa de televisão predileto?” -, houve unanimidade, em relação a “desenhos”, e a “programas infantis”, uma vez que todos os alunos os citaram (GRÁFICO IV).

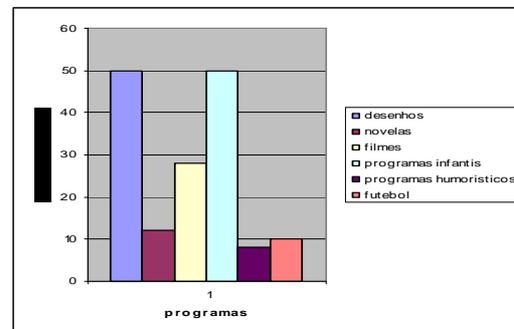


GRÁFICO IV – Programas televisivos preferidos pelos alunos.

Quando questionados sobre de quais programas televisivos não gostavam, a maioria dos alunos afirmou que não gosta de assistir a noticiários (GRÁFICO V).

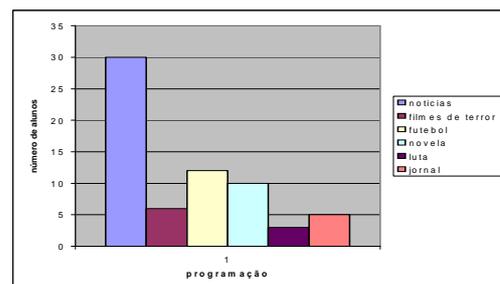


Gráfico V – Programas televisivos dos quais os alunos não gostam.

À pergunta “Você costuma imitar as personagens dos programas televisivos?”, a maioria, conforme Gráfico VI, abaixo, afirmou que as imitam.

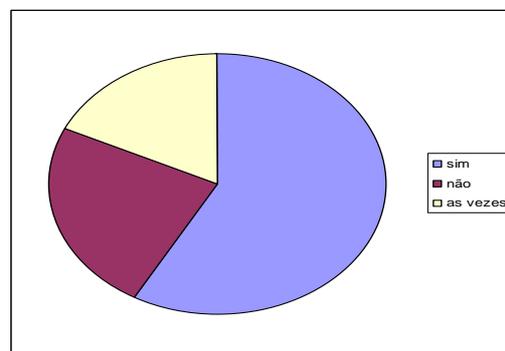


GRÁFICO VI – Imitação de personagens televisivas

Sobre a profissão que pretendem seguir quando adultos, a mais citada foi a de modelo, uma vez que, dentre os entrevistados, uma parcela significativa de alunos é do sexo feminino.

Já, entre os meninos, a preferência recai sobre “jogador de futebol” (GRÁFICO VII).

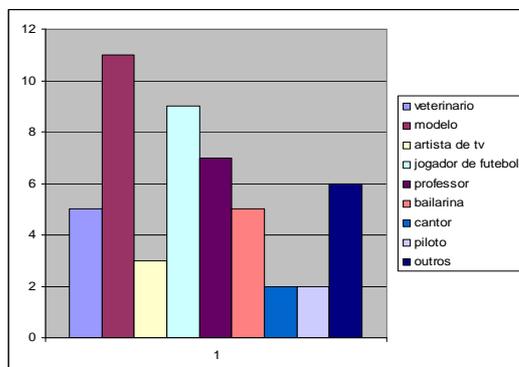


GRÁFICO VII – Profissões preferidas pelos alunos

Considerando as respostas discentes, verificamos que a maioria dos alunos assiste a mais de cinco horas, diariamente, a programas televisivos, e que o faz sem a presença dos pais, principalmente quando estes estão trabalhando; tem preferência pela Rede Globo, e, unanimemente, relatou que opta pelos desenhos apresentados na programação televisiva, e que costuma imitar personagens da televisão; e, também, verificamos que os alunos entrevistados não gostam de assistir a noticiários.

Em relação à profissão que pretendem seguir quando adultos, as meninas citaram que gostariam de se tornar “modelos”; já, os meninos, “jogadores de futebol”.

Considerando os dados analisados, podemos afirmar que se configura uma realidade preocupante, uma vez que as respostas discentes denunciam uma influência não positiva da programação televisiva no cotidiano dessas crianças.

Em relação aos professores, ao primeiro questionamento a eles proposto, referente à sua formação, todos afirmaram que possuem curso universitário, sendo que quatro deles têm pós-graduação.

Em se tratando de experiência docente, um professor ministrou aulas durante seis anos; um outro tem dez anos de experiência docente; os demais têm “acima de quinze anos de docência”.

Quatro desses profissionais da educação - quando lhes foi perguntado se utilizam, em suas aulas, conteúdos existentes nos programas televisivos direcionados ao público infantil -, afirmaram que sim; dois deles, confessaram que não os usam; e um deles, às vezes os usa.

Literalmente, em suas falas:

‘Sim, gosto de ver com eles as propagandas televisivas e analisar as mudanças de valores, principalmente as alimentares, e os efeitos que estão trazendo para a saúde’; ‘Sim considero de extrema importância, visto que fazemos parte de uma revolução que tem tudo a ver com o dia-a-dia da escola, resumindo, em duas palavras: informação televisiva’; ‘É de relevância sim, a criança vem cheia de dúvidas, principalmente em relação ao que estão vendo em noticiários televisivos, nestes últimos dias, no caso Isabela, por exemplo, se eu não parar para conversar com eles, como ficarão as suas cabecinhas?’; ‘Não julgo importante o professor assistir ou comentar alguns dos programas eleitos como favoritos pelos alunos, e discutir com eles em sala de aula, não é obrigação do professor’; ‘Não, Já basta o que elas assistem em casa’; ‘O que as crianças assistem é problema dos pais e não dos professores’; ‘Depende muito do momento, até acho importante falar sobre o assunto, porém não o faço por falta de tempo, pois o conteúdo é extenso’.

Em relação ao último questionamento aos docentes (As crianças comentam sobre programas infantis?): quatro afirmaram que sim, que os alunos comentam, e que, também, os associam ao conteúdo estudado, e a acontecimentos de seu dia-a-dia, como, por exemplo, nos dizeres desses docentes, “se você fala de gato, logo alguém diz: igual ao Tom e Jerry; ou, igual a tal novela. Comentam desenhos animados, principalmente os desenhos japoneses, na hora da conversa ou nos momentos livres”.

Já, três professores disseram que não; e, também, se negaram a tecer comentários sobre esse questionamento.

Discussão

Os meios televisivos estão presentes nas escolas, de forma direta, ou indiretamente (quer o professor queira ou não). Alguns dos professores entrevistados optam por não os usar, mas, conforme dados analisados, a televisão se faz presente em sala de aula, na fala de seus alunos, no material escolar, nas brincadeiras, nas opções profissionais, nos costumes sociais, nos lanches; enfim, em todo o cotidiano das crianças.

Hoje, a cultura, os valores, o conhecimento e as atitudes adquiridas estão muito interligados ao uso da “telinha”, entrecruzam-se as relações, e é necessário à escola buscar todos os tipos de relacionamentos que se estabelecem, para que o contexto escolar seja significativo na vida do aluno, e, também provocar nos docentes, atitudes investigativas, presencial e contextualizada com o momento. O professor, especificamente, deve ter o compromisso de se tornar mediador, para, assim, formar agentes que, com criticidade, sejam capazes de analisar as informações recebidas, para serem capazes de eliminarem as aparências, e de buscarem a essência: a verdade.

No entanto, quando surgem, na sala de aula, determinados temas veiculados por programas

televisivos, o professor se omite, apesar de, segundo Barry (1994), a televisão ser uma força muito poderosa de influência ao comportamento. Assim sendo, os docentes deveriam refletir sobre suas práticas docentes para explorarem a influência desse veículo de comunicação.

A respeito do comportamento espontâneo infantil da imitação de personagens apresentadas pela televisão, o surpreende é o fato de alguns professores não notarem se as crianças se comportam de acordo com o que assistem, demonstraram, assim, dificuldades em observar seus alunos. Para Bandura (Apud BARRY 1994), as crianças, em geral, aprendem comportamentos sociais por meio da observação e imitação de modelos significativos para elas; no caso, modelos de personagens televisivas que podem ser fatores negativos influentes na aprendizagem, em relação ao que o aluno vê na televisão e à prática cotidiana discente.

Em relação à questão do tempo escolar, os professores afirmam que o tempo é curto e insuficiente para a realização de atividades específicas.

Quanto às programações televisivas, observou-se que há uma diversidade muito grande assistida pelas crianças, tais como: novelas, filmes, desenhos, programas de auditórios, e, até mesmo, jornais informativos. É verdade que alguns alunos assistem apenas a programas compatíveis com a sua faixa etária, no entanto, é importante lembrar que há programas não adequados às suas idades que as crianças vêem e que os professores poderiam capacitá-las a perceber os estímulos negativos que recebem, para que tenham possibilidades de selecionar melhor as suas programações televisivas.

A influência televisiva sobre a escolha profissional é visível, as crianças mais novas optaram por ser professores ou veterinários. Esses alunos estão inseridos nas salas dos professores que trazem a TV para a sala de aula, e tecem comentários sobre a influência dos programas.

No entanto, nas demais salas, os meninos - quase a totalidade deles -, querem ser jogadores de futebol, para "ganhar muito dinheiro"; já, as meninas sonham em ser modelos e ter um "Corpão". Essas crianças assistem por volta de cinco horas de TV, diariamente, e preferem a rede Globo.

São poucos os alunos que vêem programas televisivos durante o dia com os seus pais, porém, à noite, e aos finais de semana, são esses pais que selecionam a programação a ser vista pela família, e, dessa forma, muitas crianças assistem - com o aval paterno e/ou materno, a cenas não recomendáveis ao público infantil.

Conclusão

Após a análise e interpretação dos dados coletados, podemos afirmar que há professores que não estão devidamente preparados para abordar, em sala de aula, com seus alunos, conteúdos veiculados por programações televisivas; e que desconhecem o caminho adequado para direcionar seus alunos, a fim de lhes propor reflexões sobre normas, valores, ética, costumes e a diferença a ser respeitada, e a valorizar o ser e não o ter. Também, os docentes não constroem espaços para que os seus alunos possam ponderar sobre mensagens que objetivam os induzir ao consumismo, até mesmo de forma subliminar.

É importante enfatizar que, por intermédio desta pesquisa, foi possível perceber que as crianças entrevistadas apresentam influências positivas oriundas da televisão, tais como, dos programas Ilha Ra-Tim-Bum e do Sítio do Pica Pau Amarelo, dentre outros; mas também negativas, por meio de desenhos com cenas agressivas, e de novelas.

Sendo assim, as crianças necessitam de uma melhor orientação, tanto familiar como educacional. A intervenção de professores mediadores poderá se tornar um fator significativo para a formação proficiente de seus alunos.

Sendo assim, a televisão pode se tornar um bem ou um mal no processo de alfabetização, na Educação Infantil e no primeiro ano do Ensino Fundamental, tudo depende de orientações e mediações eficazes.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. São José dos Campos/SP: Univap, 2000.

BARRY, T.B. **Momentos decisivos do desenvolvimento infantil**. São Paulo/SP: Martins Fontes, 1994.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.